



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

O GUIA DO AFROTURISMO NO BRASIL SOB A ÓTICA DA GEOGRAFIA

A GUIDE TO AFRO-TOURISM IN BRAZIL FROM A GEOGRAPHICAL PERSPECTIVE

(Recebido em 19-01-2025; Aceito em: 30-12-2025)

Ronald Silva Santana

Pedagogia - Universidade Estadual do Paraná – Paranaguá, Brasil
Mestrando em Turismo - Universidade Federal do Paraná – Curitiba, Brasil
roohsilsant@hotmail.com

Marco Aurelio Andrade de Souza

Turismo - Universidade Federal do Paraná – Curitiba, Brasil
Mestrando em Turismo - Universidade Federal do Paraná – Curitiba, Brasil
maandrade39@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa os roteiros e experiências apresentados no Guia do Afroturismo no Brasil, lançado em 2024 pelo Ministério do Turismo em parceria com a UNESCO, buscando compreender como as diferentes regiões do país se configuram como territórios de memória e resistência negra. O Guia insere-se no contexto de institucionalização do afroturismo como política pública através do Programa Rotas Negras, suscitando debates sobre a forma como o Estado constrói e divulga essas experiências. A pesquisa adota uma abordagem geográfica e documental, tratando o Guia como instrumento de representação territorial. A análise interpretativa do corpus documental baseou-se em categorias da Geografia Cultural e da Geografia do Turismo, interpretando o afroturismo como um fenômeno politicamente orientado e um processo de reterritorialização crítica. Com base nas teorias de autores como Milton Santos (2003) e Claude Raffestin (1993), foi possível examinar a disputa por narrativas e o reconhecimento dos lugares de memória afro-brasileira. Os resultados evidenciam uma distribuição desigual das iniciativas, com forte concentração no Nordeste (22 roteiros) e Sudeste (19 roteiros), que se configuram como polos simbólicos. O Nordeste atua como território-síntese da ancestralidade, enquanto o Sudeste foca na reterritorialização urbana e no combate à invisibilidade. Por outro lado, regiões como o Norte e Centro-Oeste priorizam o fortalecimento comunitário e o vínculo com a natureza, enquanto o Sul reflete a urgência da reafirmação da memória em face do apagamento histórico. Conclui-se que o Guia é uma importante iniciativa para o afroturismo, mas a distribuição desigual dos roteiros revela disparidades regionais que afetam o acesso das comunidades negras às políticas de turismo e cultura. O afroturismo, sob uma perspectiva geográfica, pode contribuir para a construção de uma cartografia negra pautada na ancestralidade e na justiça espacial, assumindo um caráter educativo e emancipador.

Palavras-chave: Afroturismo; Geografia; Território; Memória Negra; Política Pública.

Abstract

This article analyzes the itineraries and experiences presented in the Guide to Afro-Tourism in Brazil (*Guia do Afroturismo no Brasil*), launched in 2024 by the Brazilian Ministry of Tourism in partnership with

UNESCO, seeking to understand how the country's different regions constitute territories of Black memory and resistance. The Guide is part of the institutionalization of Afro-tourism as a public policy through the Rotas Negras Program, raising debates about how the State constructs and disseminates these experiences. The research adopts a geographical and documentary approach, treating the Guide as an instrument of territorial representation. The interpretive analysis of the documentary *corpus* was based on categories from Cultural Geography and Tourism Geography, interpreting Afro-tourism as a politically oriented phenomenon and a process of critical reterritorialization. Drawing on the theories of authors such as Milton Santos (2003) and Claude Raffestin (1993), the study examined the dispute over narratives and the recognition of Afro-Brazilian places of memory. The results show an unequal distribution of initiatives, with a strong concentration in the Northeast (22 itineraries) and Southeast (19 itineraries), which constitute symbolic poles. The Northeast acts as a territory-synthesis of ancestry, while the Southeast focuses on urban reterritorialization and the fight against invisibility. Conversely, regions such as the North and Central-West prioritize community strengthening and the link with nature, whereas the South reflects the urgency of memory reaffirmation in the face of historical erasure. It is concluded that the Guide is an important initiative for Afro-tourism, but the unequal distribution of itineraries reveals regional disparities that affect Black communities' access to tourism and culture policies. Afro-tourism, from a geographical perspective, can contribute to the construction of a Black cartography based on ancestry and spatial justice, assuming an educational and emancipatory character.

Keywords: Afro-Tourism; Geography; Territory; Black Memory; Public Policy.

Introdução

O afroturismo tem ganhado destaque nos últimos anos como uma forma de promover o reconhecimento da presença negra nos espaços turísticos e de valorizar o patrimônio cultural afro-brasileiro. Em 2024, o Ministério do Turismo, em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), lançou o *Guia do Afroturismo no Brasil: Roteiros e Experiências da Cultura Afro-Brasileira*, documento que reúne iniciativas distribuídas em todas as regiões do país, protagonizadas por afroempreendedores e comunidades tradicionais. O guia insere-se no contexto do *Programa Rotas Negras*, instituído pelo Decreto n.º 12.277/2024, com o objetivo de impulsionar o afroturismo e o desenvolvimento sustentável de territórios de matriz africana (Brasil, 2024).

Mais do que um catálogo de experiências, o guia representa uma tentativa de institucionalização do afroturismo como política pública. No entanto, ao mesmo tempo em que propõe dar visibilidade a práticas e memórias negras, o documento suscita debates sobre a forma como o Estado constrói e divulga essas experiências. A relação entre turismo, identidade e memória torna-se central, pois, o afroturismo é um fenômeno sociocultural e decolonial que, fundamentado na afrocentricidade, valoriza a memória, o patrimônio e o protagonismo negro, atuando como prática de resistência e instrumento antirracista no turismo ao ressignificar tradições, saberes e territórios historicamente marginalizados (Oliveira, 2021; Rodrigues, Trigo, 2024; Neto, 2025; Leoti, Pereira, Cruz, 2025). Assim, compreender como essas rotas são apresentadas e distribuídas territorialmente contribui para refletir sobre os modos de representação e de apropriação do espaço por pessoas negras.

Figura 1: Capa do “Guia do Afroturismo no Brasil”



Fonte: Brasil (2025)

Sob esse ponto de vista, a Geografia oferece uma lente teórica fundamental para interpretar o afroturismo enquanto prática territorial. Para Milton Santos (2003), o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações, o que implica compreender o turismo como fenômeno espacialmente produzido e politicamente orientado. A partir dessa concepção, o afroturismo pode ser entendido como um processo de reterritorialização crítica, um movimento de reocupação e ressignificação simbólica de territórios que foram historicamente marcados pelo racismo estrutural e pela invisibilidade da população negra. Ademais, Raffestin (1993) argumenta que o território é resultado de relações de poder e de pertencimento. Assim, o guia de afroturismo não oferece apenas o mapeamento, mas revela como agentes (Estado, mercado e movimentos sociais) disputam e produzem narrativas territoriais, decidindo quais espaços de memória afro-brasileira são oficialmente reconhecidos e quais permanecem marginalizados.

Em uma análise preliminar do guia, percebe-se que as experiências de afroturismo se articulam em torno de paisagens simbólicas da resistência, como quilombos, terreiros de candomblé, bairros históricos e comunidades tradicionais. Cada destino carrega dimensões materiais e imateriais que expressam o legado africano na formação do território nacional. Essa perspectiva dialoga com a geografia cultural, para a qual o espaço é também um lugar de memória e identidade (Claval, 1999; Nora,

1993). Portanto, o afroturismo não apenas possibilita a visita a espaços, mas reinscreve neles novas narrativas, valorizando práticas culturais que foram silenciadas pela história oficial.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo analisar os roteiros e experiências apresentados no Guia do Afroturismo no Brasil (2024), buscando compreender como as diferentes regiões do país se configuram como territórios de memória e resistência negra. O artigo adota uma abordagem geográfica e documental, que parte da leitura do guia e da sistematização das experiências por região, observando sua distribuição territorial, tipologia e potencial simbólico.

A seguir, na seção metodológica, serão explicitados os procedimentos utilizados para o levantamento e categorização dos destinos. Em seguida, o artigo apresenta a análise dos roteiros de afroturismo divididos por regiões Nordeste, Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul destacando, em cada uma, as especificidades territoriais, culturais e políticas. Por fim, nas considerações finais, discute-se como o afroturismo, quando compreendido sob uma perspectiva geográfica, pode contribuir para a construção de uma cartografia negra do turismo brasileiro, pautada na ancestralidade, na memória e na justiça espacial.

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo documental e qualitativo, fundamentado na análise interpretativa do Guia do Afroturismo no Brasil: Roteiros e Experiências da Cultura Afro-Brasileira (Brasil, 2024), publicado pelo Ministério do Turismo em parceria com a UNESCO. O material constitui o corpus principal do trabalho e foi examinado com o intuito de identificar e sistematizar os roteiros e experiências de afroturismo apresentados, compreendendo sua distribuição espacial, tipologia, protagonismo e significados culturais.

De acordo com Bardin (2016), a análise documental consiste em um conjunto de operações que visa representar o conteúdo de um documento sob uma roupagem diferente do original, facilitando a consulta e interpretação. Assim, partindo da leitura integral do guia, foram extraídas informações sobre cada destino turístico (nome, estado, município, tipo de experiência e descrição oficial). Esses dados foram organizados por regiões do país, conforme a divisão estabelecida pelo próprio documento, permitindo uma leitura comparativa entre Nordeste, Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

A análise dos roteiros seguiu uma abordagem geográfica e crítica, na qual o turismo é compreendido como fenômeno espacial e social. Segundo Santos (2003), “o espaço é o resultado da ação humana acumulada no tempo”, o que implica considerar os destinos turísticos como produtos de relações históricas, políticas e culturais. Dessa forma, cada roteiro foi interpretado como expressão

territorial de memória e resistência, observando-se como o Estado e as comunidades negras se articulam na produção de lugares de afroturismo.

Para operacionalizar essa leitura, adotaram-se categorias inspiradas na Geografia Cultural e na Geografia do Turismo, que permitem compreender o espaço como resultado simbólico das práticas sociais e das representações coletivas (Claval, 1999). A partir dessa perspectiva, o guia foi tratado não apenas como inventário turístico, mas como instrumento de representação territorial, revelando como o discurso institucional mapeia e hierarquiza as experiências da cultura afro-brasileira no território nacional.

O procedimento analítico foi desenvolvido em três etapas: a) Leitura integral do guia, com extração dos dados sobre as iniciativas; b) Sistematização das informações por região e tipo de experiência (urbana, quilombola, religiosa, gastronômica, ambiental, etc.); e c) Interpretação crítica à luz de autores do campo do afroturismo Oliveira (2021); Rodrigues e Trigo (2024); Neto (2025); Leoti, Pereira e Cruz (2025); e da geografia, como, Raffestin (1993), Santos (2000), Santos (2003) e Gonçalves (2006), observando a presença de discursos de valorização cultural, representatividade e desenvolvimento territorial.

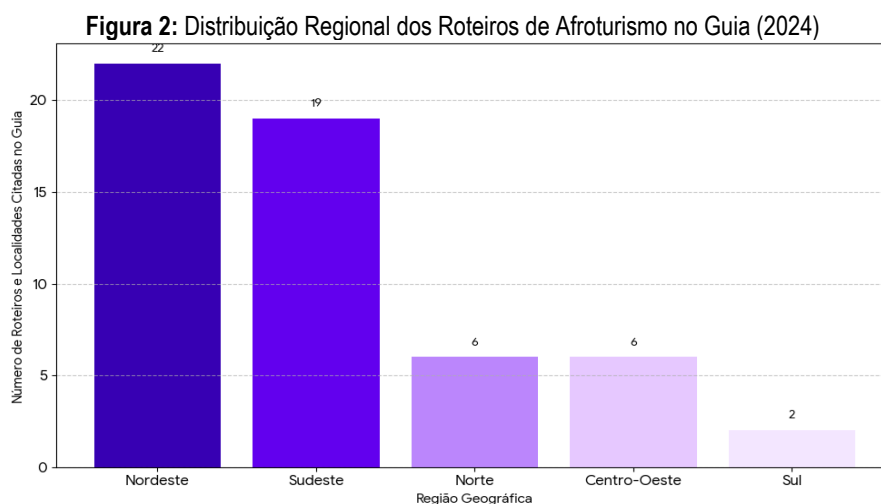
Essa metodologia possibilitou compreender como o Guia do Afroturismo traduz, em escala nacional, as práticas de afroturismo e como cada região do país é representada como território de ancestralidade, memória e resistência. A análise documental, aliada à leitura geográfica do espaço, permitiu construir uma cartografia interpretativa das rotas afro-brasileiras, relacionando os aspectos simbólicos e materiais dos lugares apresentados com os desafios de um turismo antirracista e decolonial.

Resultados e Discussões

A análise do Guia do Afroturismo no Brasil: Roteiros e Experiências da Cultura Afro-Brasileira (Brasil, 2024) evidencia a pluralidade de manifestações culturais e territoriais que compõem o afroturismo no país. O documento apresenta 44 iniciativas distribuídas nas cinco regiões brasileiras, destacando experiências de base comunitária, urbana, religiosa, gastronômica, ambiental e artística. Contudo, conforme apresentado na Figura 2, observa-se uma concentração significativa de experiências na Região Nordeste, especialmente no estado da Bahia, e uma menor representatividade nas regiões Sul e Centro-Oeste.

A Região Nordeste concentra o maior número de roteiros e representa, no guia, o principal polo simbólico do afroturismo nacional. A Bahia lidera o número de iniciativas, refletindo a centralidade do estado na formação da cultura afro-brasileira. Locais como o Pelourinho, o Ilê Axé Opô Afonjá e o Recôncavo Baiano são apresentados como espaços de religiosidade, resistência e celebração da herança africana. O Rolê Afro, uma das experiências, leva os turistas a terreiros, blocos de carnaval,

monumentos de heróis negros e instituições culturais da capital baiana, como o Curuzu. O Quilombo de Lages dos Negros, em Campo Formoso, proporciona uma visita a 21 comunidades quilombolas próximas à Chapada Diamantina, permitindo observar as belezas naturais e a experimentar os saberes ancestrais. Outro destino baiano presente no guia é o Quilombo do Remanso, em Lençóis, onde os visitantes são imersos nas histórias locais contadas pelo griôs que são considerados guardiões das memórias e podem participar de cortejos culturais, oficinas de saberes e passeios de barco.



Fonte: Os autores (2025).

Figura 3: Exemplos de experiências de Afroturismo no Nordeste



Legenda: Da eq. para dir.: (a) Parque Memorial Quilombo dos Palmares, Serra da Barriga (AL); (b) Caminhada Jampa Negra, João Pessoa (PB); (c) Terreiro de Candomblé Alarokê, São Cristóvão (SE); (d) Experiência Imersiva Omitutu, Salvador (BA). **Fonte:** Costa (2013); Apuama Afroturismo (2024); Alarokê (2025); Agência Expedição Raiz (2024)

Em Pernambuco, o guia nos apresenta a experiência “Um Passo à Frente e Você Não Está no Mesmo Lugar”, onde os participantes ouvem os ritmos do mangubeat, um movimento musical da década de 1990. A rota explora a trajetória do grupo *Chico Science* e as influências na qual a banda se apoiou, como o coco de roda, ciranda e maracatu. O trajeto passa por bairros históricos da capital pernambucana e, aqueles que desejarem, ainda podem participar de uma oficina de percussão e confecção de instrumentos musicais. No Alagoas, o documento destaca o Parque Memorial Quilombo dos Palmares, onde os turistas conhecem a história do parque, da Serra da Barriga e das lideranças que coordenam o espaço.

Em São Cristóvão, Sergipe, os turistas podem visitar o Terreiro de Candomblé Alarokê, que além de uma imersão na cultura de matriz africana, oferece apresentações musicais, rodas de conversa, oficinas e pratos da gastronomia local. No Maranhão, o guia apresenta a Rota dos Quilombos, que passa por 7 comunidades locais e permite que os interessados assistam a manifestações culturais, provem a culinária quilombola, façam passeios de barco e aproveitem as paisagens naturais. A rota também possui foco na oralidade, permitindo que os moradores contem a história de formação da região. O Roteiro Quilombo Cultural de São Luís, presente na capital Maranhense, é apenas uma das atividades do maior quilombo urbano do Brasil. Nele, diversos grupos culturais recebem visitantes em suas casas, oferecendo uma vivência das manifestações culturais, que passam pela música, religião, gastronomia e artesanato.

No Rio Grande do Norte, o Quilombo de Picadas insere os visitantes em sua história através de um museu local, danças tradicionais, artesanato e gastronomia regional. No mês de novembro, ocorre também a Feira Gastronômica de comida quilombola promovida pela comunidade, atraindo pessoas de diversas regiões. Na Paraíba, o guia cita a Caminhada Jampa Negra, que passa por locais importantes da história negra do estado, como a Igreja e Mosteiro de São Bento. Outra iniciativa paraibana é o roteiro Vivência Jurema Sagrada, que acontece entre as cidades de Conde e Alhandra. Com foco religioso, os participantes aprendem sobre essa antiga tradição afro-indígena com atividades que trabalham os 5 sentidos do corpo.

Na Região Norte, o guia registra roteiros no Acre, Amapá, Pará e Tocantins, ainda que em número reduzido. As experiências estão fortemente ligadas à presença de comunidades quilombolas amazônicas e à valorização das tradições orais, da culinária e das expressões artísticas locais. No Acre, a Caminhada Rio Branco Negra leva seus visitantes a locais como o Museu dos Povos Acreanos, Parque Capitão Ciriaco e o Centro Comercial, onde a história e a cultura negra são o centro do discurso. Na Rota dos Barracões, no Macapá, os visitantes conhecem os Barracões de Marabaixo, onde os moradores contam a história afro-amazônica a partir da fala, dança e gastronomia local.

Em Belém, no Pará, o guia apresenta o Terreiro de Mãe Herondina, que tem como objetivo oferecer uma conexão com a espiritualidade. As atividades passam por banhos de folha, benzimento, rezas e a degustação de pratos sagrados. Outra atividade de afroturismo no Pará fica em Moju e Abaetetuba, o Território Quilombola Laranjituba e África. Ele está inserido na floresta amazônica e faz parte do Projeto Experiência Brasil Original, onde é possível conhecer o dia a dia da comunidade local a partir de paisagens, saberes ancestrais e do extrativismo de açaí, cupuaçu, mandioca e castanha-do-Pará. O Tocantins também aparece com a Rota da Consciência Negra, que acontece em Paraíso do Tocantins. Ela acontece entre os dias 23 de outubro e 20 de novembro, levando os turistas a locais como a Biblioteca Municipal, Associação Cultural Terreiro Capoeira e o Palácio da Cultura Cora Coralina.

Figura 4: Exemplo de experiências de Afroturismo no Norte



Legenda: Da esq. para dir.: (a) Território Quilombola Laranjituba e África, Moju e Abaetetuba (PA); (b) Terreiro de Mãe Herondina, Belém (PA); (c) Rota dos Barracões, Macapá (AP); (d) Rota da Consciência Negra, Paraíso do Tocantins (TO).

Fonte: Brasil (2023); Terreiro de Umbanda Casa de Mãe Herondina (2024); Brasil (2024); Brasil (2024)

A Região Centro-Oeste apresenta experiências concentradas em Goiás, Mato Grosso e Distrito Federal. Em Goiás, a primeira experiência apresentada é o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, que conta com trilhas, cachoeiras, gastronomia 100% natural e visita as roças de toco, uma pratica ancestral afro-indígena. Outra atividade do estado presente no guia é a Comunidade Quilombola Povoado do Moinho, em Alto Paraíso de Goiás. Seus atrativos são as paisagens naturais, práticas agrícolas sustentáveis, gastronomia, artesanato e a história dos cerca de 500 habitantes que moram no local.

No Distrito Federal, o tour Brasília Negra, conta a história da capital do Brasil a partir de uma ótica que ressalta a importância dos negros para a construção da cidade em diversos setores, cujas narrativas locais nem sempre reconhecem seu papel na memória. No Mato Grosso, o destaque é dado para a Rota Pantanal Negro, que permite seus visitantes explorarem a fauna e flora regional, além de também de entrar em contato com a memória e cultura negra local. Os visitantes passam por lugares como o centro histórico de Poconé e o bosque dos Cumbarus, localizado na comunidade Lambari.

Figura 5: Exemplo de experiências de Afroturismo no Centro-Oeste



Legenda: Da esq. para dir.: (a) Rota Pantanal Negro, Pantanal Mato Grossense (MT); (b) Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, Monte Alegre de Goiás (GO); (c) Comunidade Quilombola Povoado Do Moinho, Alto Paraíso De Goiás (GO); (d) Brasília Negra, Brasília (DF). **Fonte:** Afro Tour Agencia (2024); Alcileia Quilombola (2024); Chapada dos Veadeiros (2025); Brasil (2025)

O Sudeste reúne 16 roteiros de relevância histórica e simbólica, especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro. Entre eles, destacam-se a Rota da Liberdade que passa por 5 municípios do estado de São Paulo (Salto de Pirapora, Ubatuba, Itapeva, São Paulo e Taubaté). Nela, os visitantes podem participar de diversos roteiros afrocentrados, sejam urbanos, como a Caminhada Carlos Gomes em São Paulo, ou em comunidades quilombolas, com a do Jaó em Itapeva. Elas possuem foco na memória e no patrimônio cultural da comunidade negra. A Pequena África, no Rio de Janeiro, apresenta aos seus participantes a zona portuária da capital carioca, que passa por locais como Morro da Conceição, Pedra do Sal e o Cais do Valongo.

Ao percorrer a região, o visitante é convidado a revisitar o passado escravista e a reconhecer a contribuição negra para a formação cultural e econômica do país. O Museu da Memória Negra de

Petrópolis oferece um roteiro criado por profissionais de diversas áreas, ele percorre espaços onde a história foi apagada e silenciada, permitindo que os participantes conheçam uma outra narrativa e entendam os processos de invisibilização que aconteceu na cidade. Em Minas Gerais, o documento apenas apresenta a Mina do Veloso, em Ouro Preto, onde é possível conhecer as técnicas africanas utilizadas na busca de ouro no século XVIII.

Figura 6: Exemplo de experiências de Afroturismo no Sudeste



Legenda: Da esq. para dir.: (a) Circuito Carioca do Samba, Rio de Janeiro (RJ); (b) Rota da Liberdade, Salto de Pirapora, Ubatuba, Itapeva, São Paulo e Taubaté (SP); (c) Muro dos Escravizados, Caçapava (SP); (d) Caminhada São Paulo Negra, São Paulo (SP). **Fonte:** Brasil (2024)

Figura 7: Exemplo de experiências de Afroturismo na Região Sul



Legenda: Da esq. para dir.: (a) Museu 13 de Maio, Santa Maria (RS); (b) Cortejo de Quicumbi, Cachoeira do Sul (RS).
Fonte: Prefeitura de Santa Maria (2025); Brasil (2024)

A Região Sul aparece de forma menos expressiva no guia, com apenas duas atividades localizadas no Rio Grande do Sul. A primeira é o Museu 13 de Maio, que foi um dos diversos clubes 13 de maio que surgiram no Brasil após a abolição da escravidão. Hoje, ele é a sede do museu, e conta

história da população através de oficinas, exposições temporárias, eventos e palestras. A segunda experiência citada é o Cortejo de Quicumbi de Cachoeira do Sul, que remonta uma tradição da população negra escravizada até o início do século XX. Hoje, os organizadores fazem intervenções que contam as histórias silenciadas pela memória oficial.

Para melhor visualização e entendimento, os locais citados e presentes no Guia do Afroturismo do Brasil foram organizados no quadro abaixo, onde foi levado em consideração a região, ênfase e o tipo de atividade predominante.

Quadro 1: Afroturismo por Região: Territorialidades, Ênfases Simbólicas e Práticas Turísticas

Região	Amostra Roteiros Citados no Guia	Tese Geográfica/Simbólica (Ênfase)	Tipo de Atividade Predominante
Nordeste	Rota Quilombo Cultural (MA), Parque Memorial Quilombo dos Palmares (AL), Rolê Afro (BA), Caminhada Jampa Negra (PB), Terreiro de Candomblé Alarokê (SE).	Polo de Ancestralidade e Território-Síntese Centralidade na religiosidade de matriz africana, quilombos históricos e memória da resistência.	Cultural, Vivencial, Histórico, Urbano, Rural e Religioso.
Sudeste	Rota da Liberdade (SP), Pequena África (RJ), Mina Du Veloso (MG), Museu da Memória Negra de Petrópolis (RJ).	Reterritorialização Urbana e Memória no Apagamento Reafirmação do protagonismo em centros urbanos e resgate de narrativas históricas silenciadas.	Urbano (Caminhadas Temáticas, Museus), Histórico (Escravidão, Cidades do Ouro), Religioso.
Norte	Caminhada Rio Branco Negra (AC), Rota dos Barracões (AP), Território Quilombola Laranjituba e África (PA), Rota da Consciência Negra (TO).	Resistência Amazônica e Vínculo com a Natureza Foco em comunidades quilombolas, saberes tradicionais e a relação intrínseca entre cultura e ecossistemas.	Vivencial, Comunitário (Quilombola), Ecológico (Extrativismo e Natureza).
Centro-Oeste	Rota Pantanal Negro (MT), Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga (GO), Brasília Negra (DF).	Fortalecimento Comunitário e Permanência Quilombola Turismo como estratégia de "Reexistência" e afirmação identitária em territórios tradicionais e na capital.	Ecoturismo/Natureza, Comunitário (Quilombola), Urbano-Histórico.
Sul	Museu 13 de Maio (RS), Cortejo de Quicumbi de Cachoeira do Sul (RS).	Visibilidade e Reafirmação em Territórios de Invisibilidade Iniciativas focadas na preservação simbólica e reconstrução narrativa contra o apagamento histórico regional.	Cultural, Museológico, Celebrativo/Cortejos.

Fonte: Os autores, 2025

Esses territórios, conforme Claval (1999), configuram-se como paisagens culturais, nas quais a materialidade urbana e as práticas simbólicas se entrelaçam. Em Salvador, por exemplo, o afroturismo se manifesta tanto nos blocos afro e nas festas populares, quanto nas iniciativas comunitárias de turismo educativo. Essa dimensão reforça o que Santos (2003) denomina de "espaço vivido", ou seja, aquele construído pelas ações cotidianas e pelos sentidos atribuídos pelos sujeitos que o habitam. Essas experiências representam o que Santos (2003) denomina de reterritorialização urbana, isto é, a criação

de novas territorialidades dentro de espaços historicamente negados à população negra. O turismo urbano, nesse contexto, atua como instrumento de reconstrução simbólica do espaço e de valorização da memória coletiva.

O território amazônico, por sua dimensão e complexidade, impõe desafios logísticos e políticos à promoção do afroturismo. Entretanto, é nesse contexto que emergem formas singulares de resistência cultural, evidenciando a relação entre território, identidade e meio ambiente. Gonçalves (2006) destaca que a natureza e a cultura se unem na construção dos territórios tradicionais, o que torna o afroturismo amazônico uma prática profundamente vinculada à sustentabilidade e à preservação do modo de vida das comunidades. Ambos representam territórios quilombolas consolidados, em que o turismo é utilizado como meio de valorização cultural e fortalecimento comunitário. De acordo com Raffestin (1993), o território é sempre resultado de relações de poder, sendo continuamente produzido por práticas e resistências. Nesse sentido, as comunidades Kalunga exemplificam como o turismo pode ser apropriado como estratégia de reexistência, termo que, segundo Carneiro (2011), expressa a capacidade de reconstrução e de afirmação identitária dos povos afrodescendentes frente às desigualdades estruturais.

A menor presença de experiências de afroturismo na região Sul pode refletir, em parte, a invisibilização histórica da população negra no Sul do Brasil. O trabalho de Carnicelli *et al.* (2025) oferece um panorama disso no turismo, mostrando como festas, gastronomia e o patrimônio europeu ganham destaque na promoção de roteiros turísticos no Sul, ao mesmo tempo que silenciam vozes de grupos marginalizados, como os quilombolas. Contudo, as iniciativas existentes demonstram o esforço de pesquisadores, movimentos sociais e gestores culturais em reafirmar a presença afro-brasileira nesses territórios. Para Nora (1993), os lugares de memória emergem quando a lembrança é ameaçada pelo esquecimento; nesse sentido, o afroturismo sulista opera como ferramenta de preservação simbólica, reconstruindo narrativas locais e valorizando o patrimônio afrodescendente.

Segundo Pinheiro (2020, p. 24), o afroturismo deve ser compreendido como um “instrumento de valorização da história afro-brasileira e de fortalecimento das identidades negras”, devendo ser conduzido pelos próprios sujeitos e territórios que lhe dão origem. Assim, a distribuição espacial dos roteiros apresentada pelo guia permite compreender não apenas a diversidade das experiências, mas também as disparidades regionais que influenciam o acesso das comunidades negras às políticas de turismo e cultura. Em todas as experiências citadas, o guia faz indicações de profissionais do afroturismo que atendem aquela região, fortalecendo o afroempreendedorismo, um dos fundamentos deste segmento em ascensão. No documento, só foram considerados aqueles com cadastro regular no Sistema de Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur).

Considerações Finais

O Guia do Afroturismo no Brasil representa um marco importante ao reunir experiências que valorizam a ancestralidade africana e a reafirmação da presença histórica e cultural da população negra no território brasileiro. Os resultados da análise permitem compreender a amplitude e a complexidade do afroturismo, evidenciando tanto avanços quanto desafios para sua consolidação como política pública e prática territorial. A distribuição desigual das iniciativas, com forte concentração no Nordeste e menor visibilidade da região Sul, revela a necessidade de ampliar os investimentos e as políticas de fomento que contemplem a diversidade de expressões e experiências existentes em todo o país. Fortalecer as iniciativas em regiões menos representadas é essencial para a democratização das oportunidades e para o reconhecimento da pluralidade das territorialidades negras. Como exemplo, Curitiba possui caminhadas negras desenvolvidas por projetos autônomos que não estão propriamente ligados ao turismo. Reconhecer a existência dessas iniciativas pode ser um passo para o fortalecimento do segmento, uma vez que elas já atraem moradores e turistas em suas atividades.

As experiências mapeadas demonstram que o afroturismo pode constituir uma cartografia de reexistência, promovendo práticas de educação patrimonial, economia solidária e turismo comunitário. Ao ser lido sob a ótica da geografia crítica, o guia se transforma em um documento político, que evidencia as disputas pelo território e pelo direito à memória no Brasil contemporâneo. A teoria utilizada permitiu entender o afroturismo como uma forma de reconfiguração do espaço e de reconstrução simbólica da memória. Trata-se de uma prática que transforma o território em espaço de celebração, pertencimento e resistência, articulando dimensões históricas, culturais e políticas. Assim, o afroturismo ultrapassa o campo econômico e assume caráter educativo e emancipador, ao promover a valorização da cultura afro-brasileira e a reinterpretação crítica do patrimônio nacional.

Durante a leitura do documento, fica evidente que as iniciativas são descritas de forma breve e muitas vezes o leitor precisa complementar as informações desejadas a partir de outras fontes, como através dos próprios perfis de redes sociais indicados no guia. Em novas edições, pode ser interessante trazer com maiores detalhes as possibilidades de atividades em cada local, além de informações sobre como chegar, meios de hospedagens próximos e até mesmo um mapa com a indicação geográfica. Este estudo contribui para a área de estudo ao destacar a importância de compreender o afroturismo não apenas como produto turístico, mas como política de reparação e de fortalecimento comunitário. Ao evidenciar as desigualdades regionais e os potenciais de cada território, é possível aprofundar o debate sobre justiça espacial, representatividade e diversidade nas políticas públicas de turismo e cultura.

Para pesquisas futuras, sugere-se o aprofundamento de estudos de campo em comunidades afro-brasileiras das regiões com menor representatividade no guia que desenvolvem experiências de

afroturismo, de modo a compreender os impactos sociais, econômicos e simbólicos dessas práticas. Também seria relevante investigar a percepção dos visitantes e o papel da educação antirracista na mediação das experiências turísticas, bem como a relação entre afroturismo, gênero e juventude. Tais investigações podem contribuir para o aprimoramento das políticas públicas e para a ampliação das discussões sobre o turismo como ferramenta de transformação social e reconhecimento da herança africana no Brasil. Em poucas palavras, o afroturismo, quando compreendido sob a perspectiva geográfica e decolonial, representa um caminho promissor para repensar o turismo brasileiro a partir da valorização da diversidade cultural, da memória e da justiça territorial. O guia analisado é um passo importante nessa direção, mas a continuidade desse movimento dependerá do fortalecimento do protagonismo das comunidades negras e da construção de políticas sustentáveis, inclusivas e participativas.

Referências

- AFRO TOUR AGENCIA, “Essa foi uma palhinha da experiência na Rota Pantanal negro ...”. Instagram @afrotouragencia 26 Abr. 2025 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DI7P-5sJy2V> Acesso em: 29 Nov. 2025.
- AGÊNCIA EXPEDIÇÃO RAIZ, “Mostrando um pouco sobre a tour Omitutu...”. Instagram @agenciaexpedicaoraiz 04 Dez. 2024 Disponível em: https://www.instagram.com/p/DDKXoPQu0_q/ Acesso em: 29 Nov. 2025.
- ALAROKÊ. “Neste 21 de março, nos unimos a outros terreiros do município ...”. Instagram @alaroke 21 Mar. 2025 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DHeCE8GMD-L> Acesso em: 29 Nov. 2025.
- ALCILEIA QUILOMBOLA. “O festejo da Romaria no Vão de Almas ...”. Instagram, @Alcileia_Quilombola 17 Ago. 2025 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DNdc9cxuGa3>. Acesso em: 29 Nov. 2025.
- APUAMA AFROTURISMO “Hoje a Caminhada Jampa Negra realizada no Centro Histórico de João Pessoa ...”. Instagram @apuamaturismo 16 Jun. 2024 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKojqjByF6>. Acesso em: 29 Nov. 2025.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BATISTA NETO, Amadeu Correia. *Evocações do Patrimônio-Territorial com a Biointeração no Quilombo do Cumbe (Aracati, Ceará) À Luz do Afroturismo*. 2025. Dissertação (Mestrado em Turismo e Patrimônio) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2025.
- BRASIL. Decreto n.º 12.277 de 29 de Novembro de 2024. Institui o Programa Rotas Negras. Diário Oficial da União, Brasília, 29 Nov. 2024. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2024/decreto-12277-29-novembro-2024-796630-publicacaooriginal-173636-pe.html>. Acesso em: 07 Nov. 2025.
- BRASIL. *Experiência Turística no Territórios Quilombolas África e Laranjituba*. Brasília: Ministério do Turismo/UNESCO, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/experiencias-do-brasil-original/2023-territorios-quilombolas-africa-e-laranjituba.pdf> Acesso: 29 Nov. 2025.
- BRASIL. *Guia do Afroturismo no Brasil: Roteiros e Experiências da Cultura Afro-Brasileira*. Brasília: Ministério do Turismo/UNESCO, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/afroturismo/guia_afroturismo_mtur.pdf. Acesso: 26 Dez. 2025.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Selo Negro, 2015.

- CARNICELLI, Sandro *et al.* Settler colonialism and tourism routes in Southern Brazil. *Tourism Management Perspectives*, v. 56, p. 101347, 2025.
- CIDADE DE SANTA MARIA. Prefeitura Municipal de Santa Maria. Rio Grande do Sul. *Museu Comunitário Treze de Maio*, Disponível em: <https://www.santamaria.rs.gov.br/cultura/442-museu-comunitario-treze-de-maio> Acesso em: 29 Nov. 2025.
- COSTA, Waldson. *Quilombo dos Palmares expõe vestígios da resistência negra em AL*. G1 Alagoas, Maceió, 18 Nov. 2013. Disponível em: <https://glo.bo/1ed6i5W> Acesso em 29 Nov. 2025.
- CHAPADA DOS VEADEIROS, “#TBT da Chapada dos Veadeiros: Memórias Que Contam Histórias ...”. Instagram @chapadadosveadeiros 13 Mar. 2025 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DHJec4yvr6k/> Acesso em: 29 Nov. 2025.
- CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. 3. ed. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização*. Editora Record, 2006.
- Leoti, A., Pereira, L. A., & Cruz, R. dos S. (2025). O Aquilombamento da Produção Científica a Partir da Descolonização: Um Estudo Bibliográfico Sobre Afroturismo. *Revista de Estudos Interdisciplinares*, 7(3), 01–19.
- NORA, Pierre *et al.* Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, 1993.
- OLIVEIRA, Natália Araújo de. Negros e Turismo: Análise da Produção Acadêmica Sobre o Tema em Revistas Vinculadas Aos Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil. *Revista Rosa dos Ventos-Turismo e Hospitalidade*, v. 13, n. 1, 2021.
- PINHO, Patricia de Santana. Turismos Diaspóricos: Mapeando Conceitos e Questões. *Tempo Social*, v. 30, p. 113-131, 2018.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática. Trad. Maria Cecília França, 1993.
- RODRIGUES, Denise dos Santos; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Racismo e Antirracismo no Turismo: Percepções, Pertencimentos e Resistências em São Paulo. *Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura*, v. 8, n. 12, p. 22-50, 2024.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção*. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003.
- SANTOS, Milton. *Por uma Outra Globalização: Do Pensamento Único À Consciência Universal*. Rio de Janeiro: Record. 2000.
- TERREIRO DE UMBANDA CASA DE MÃE HERONDINA. “Conexão ancestral através dos rezas ...”. Instagram @il_omo_oya_ode_omi_daa_ofuuruf 26 Nov. 2024 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DC1Wfcxxo8A> Acesso em 29. Nov. 2025